

ESPAÇOS OCIOSOS

Teatros e salas inaugurados há poucos meses em Brasília continuam com palcos desocupados. Sem movimentar a cena local, essas casas de espetáculos esbarram ora em reformas de fachada ora na falta de uma política de gerenciamento

Jefferson Rudy 23.11.01

TEATRO NACIONAL
PLÍNIO MARCOS
REFORMADO: AINDA
FALTAM LUZ E SOM

Nada de espetáculos

Alethea Muniz

Da equipe do **Correio**

As expectativas eram as melhores possíveis, tanto que a atriz Regina Braga não poupou elogios ao Teatro Ulysses Guimarães (913 Sul). Convidada para apresentar a primeira peça aberta ao público, em novembro passado, trouxe *Um Porto para Elizabeth Bishop* e se derreteu pelo novo espaço brasiliense. Falou da honra em inaugurar tal teatro e do quanto era importante para a cidade uma sala como aquela, com equipamento de última geração.

Regina só não poderia prever que, oito meses depois, *Um Porto para Elizabeth Bishop* continuaria a ser a única peça teatral com sessões abertas à comunidade na curta história do espaço. Suas expectativas não se cumpriram. O teatro recebeu duas grandes montagens (a outra foi musical de Marília Pêra, na inauguração para convidados) e raras foram as atividades externas realizadas ali. Teve uma apresentação da Orquestra Sinfônica da Regional de Ensino de Ceilândia, comandada

pela maestrina Elena Herrera. E pronto. Nem chegou a abrir pauta para ocupação do palco por artistas, como estava programado para dezembro.

Ao contrário das previsões iniciais, o Ulysses Guimarães passou a ser usado exclusivamente para as atividades da Universidade Paulista (Unip) e do Colégio Objetivo, ao qual pertence. "Caímos na real e vimos que o espaço seria útil para nós. A escola está usufruindo ao máximo, temos palestras, seminários e 18 colações de grau programadas no final do ano", afirma o diretor Thomas de Oliveira César. "Não temos por ora intenção de abrir pauta para fora. Antes, a gente alugava teatros para nossas atividades, agora usamos o nosso espaço."

REFORMA INCOMPLETA

A restrição ao uso do Ulysses Guimarães é exemplo de que a ampliação do circuito artístico brasiliense esperado com a inauguração ou reforma de oito novas salas de espetáculo, no

final do ano passado, em pouco se cumpriu. Há salas bem aproveitadas, como o Sesc Garam, mas há casos em que nada aconteceu. O que dizer da Casa do Teatro Amador, rebatizada Teatro Nacional Plínio Marcos?

Reformado junto com a Sala Funarte, o espaço faz parte do complexo cultural que consumiu R\$ 1,3 milhão. A sala recebeu carpete e pintura novos, a arquibancada de cimento foi trocada por 542 cadeiras. Também ganhou sala de ensaios, mas nada de espetáculos. "A procura é enorme, você não pode imaginar o tanto. É um teatro de porte médio, feito para atender às necessidades dos produtores", afirma a responsável Júlia Guedes. "Não estamos usando o espaço porque não tem iluminação cênica", justifica.

Para o teatro abrir, é necessário desde a restauração da fiação elétrica até a compra de *spots*, o que está orçado em R\$ 300 mil. Nem luz de platéia ou bilheteria tem. Também não há sistema de som. "Estamos aguardando um sinal da sede da Funarte para ver

como fica. O espaço está ocioso e isso não é legal para ninguém", afirma Júlia. Quer dizer, a inauguração depois da reforma que durou de junho a outubro de 2001 foi de fachada, porque o espaço não estava pronto para o uso. No início deste ano, a Funarte chegou a lançar edital para ocupação, mas a comissão para análise dos pedidos sequer chegou a ser formada.

Mesmo assim, houve quem negociasse para usar o espaço. Caso do lançamento do primeiro CD do grupo brasiliense Casa de Farinha e da aula-espetáculo do escritor Ariano Suassuna. "Era o espaço ideal para o Casa de Farinha, porque o público ficava concentrado", conta o produtor Claudinei Pirelli. "No caso do Suassuna, oferecemos uma proposta à Funarte porque não tínhamos alternativa naquele dia." Isso significa que a produção, nos dois casos, alugou todo o sistema de som e iluminação para realizar os projetos. Não pagou percentagem da bilheteria à Funarte/DF, que entrou como apoiadora dos eventos.

PRIVADO

R\$ 10 MILHÕES

foi o investimento no Teatro Ulysses Guimarães, hoje destinado a uso interno e exclusivo da Universidade Paulista (Unip) e do Colégio Objetivo

OUTROS PALCOS

◆ Teatro Yara Amaral (Sesi de Taguatinga) — Ficou fechado durante três anos e foi reinaugurado há pouco mais de um ano. Desde então, existe ali certa circulação de produções locais e nacionais. A peça *As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant*, por exemplo, esteve em maio no Teatro Nacional Claudio Santoro e no Yara Amaral.

◆ Teatro La Salle (SGAS 906) — Consumiu R\$ 40 mil em reforma e é usado tanto para atividades da escola quanto para espetáculos externos. Os trabalhos que passam pelo palco, na maioria, são montagens do Ágora, grupo de teatro formado por alunos e ex-alunos do La Salle.

REGINA BRAGA EM *UM PORTO PARA ELIZABETH BISHOP*: ÚNICA PEÇA COM BILHETERIA PAGA ENCENADA NO PALCO DO TEATRO ULYSSES GUIMARÃES



Divulgação

NAS PRAÇAS DOS SHOPPINGS

Enquanto cidades como Rio de Janeiro, Curitiba e São Paulo erguem salas dentro dos shoppings, em Brasília as sessões acontecem em áreas improvisadas. O Brasília Shopping reservou um espaço na frente do prédio para peças e outros eventos. No Parkshopping, as apresentações culturais acontecem na praça central. O Pátio Brasil é o único que pretende construir sala exclusiva para abrigar peças. Segundo o gerente de marketing Renato Horne, a intenção é oferecer um espaço com toda a estrutura necessária para que grupos de Brasília possam mostrar seus trabalhos. O projeto está previsto para o final do ano.